XIX ANNO PORTO, 15 DE JULHO DE 1897 NUMERO 14

O Progresso Catholico

«... *sequor autem, si quo modo comprehendam...*»

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

«... *ad ea quæ sunt priora extendens meipsum ad destinatum persequor, ad bravium triumphi Ecclesiæ... in Christo Jesu.*»

AD PHILIP. 13, 14.

SUMMARIO: — SECÇÃO DOUTRINAL: *O Padre Antonio Vieira;* — *A genuflexão deante do SS. Sacramento.* — SECÇÃO HISTORICA: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus,* pelo rev.mo snr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz; — *Bemfeita* (Descripção estatistica), pelo ex.mo snr. Albino S. D. C. — SECÇÃO LITTERARIA: *Buscar lan...,* pelo ex.mo snr. Alves de Almeida; — *Salmo primeiro,* pelo ex.mo snr. Alves d'Almeida. — SECÇÃO ILLUSTRADA: *Morte d'Heli;* — *Santo Ignacio de Loyola.* — RETROSPECTO.

Gravuras: *Morte d'Heli;* — *Santo Ignacio de Loyola*

MORTE D'HELI

SECÇÃO DOUTRINAL

O Padre Antonio Vieira

A 18 do corrente far-se-ha entre nós a commemoração do segundo centenario da morte do grande Padre Antonio Vieira, lustre da benemerita Companhia de Jesus e honra da nossa querida patria.

Vieira, o nosso primeiro classico, o profundo theologo, o arguto philosopho, o grande litterato, o patriota eminente, o politico sagaz, o grande missionario do Brazil, o mais notavel orador sagrado da peninsula, o Chrysostomo portuguez, como lhe chamou o Padre Antonio Honorato; Vieira, a quem o historiador Ferdinand Denis compara a Bossuet, merece a consagração que se lhe vae fazer, embora assás modesta para os seus grandes merecimentos.

Espiritos tacanhos teem querido, por odio ao Jesuita, morder nos calcanhares do Padre Antonio Vieira; mas a sua estatura é tão grande, os seus merecimentos fallam tão eloquentemente que essas poucas vozes, sahidas dos antros da maçonaria e do jacobinismo, emmudeceram ante o sorriso sardonico d'um povo inteiro.

Theophilo Braga poz-se á frente do movimento contra o Padre Antonio Vieira; mas, a despeito da sua auctoridade no campo do racionalismo, Theophilo Braga só conseguiu, com a sua odienta campanha, pôr mais em relevo as virtudes e dotes do grande Jesuita.

Em verdade, por muita auctoridade que se possa ter, não se apeia do throno de gloria um homem da estatura do Padre Antonio Vieira, d'um homem que foi o assombro do seu seculo, e que viu a seus pés, tributando-lhe respeito e veneração, reis e vassallos, nobres e plebeus, ricos e pobres, catholicos e acatholicos; d'um homem a quem D. Francisco Alexandre Lobo, Bispo de Vizeu, disse que, «se o uso da nossa lingua se perder, e com elle por acaso acabarem todos os nossos escriptos que não são os *Lusiadas* e as obras de Vieira, o portuguez, quer no estylo de prosa, quer no poetico, ainda viverá na sua perfeita indole nativa, na sua riquissima copia e louçania»; d'um homem de quem o abbade Raynal, copiando na sua *Historia Philosophica das Indias* o sermão de Antonio Vieira sobre a restauração da Patria, diz que esse trabalho é «a oração mais vehemente e extraordinaria que se tem ouvido no pulpito christão»; d'um homem que foi honrado, tanto no Antigo como no Novo Mundo, pelos seus compatriotas, com o epitheto de «Grande»; de um homem de quem Elesban de Guilhermy disse que «poucos homens parece terem fulgurado no mundo com semelhante brilho; e nenhum talvez o egualou pela universalidade na grandeza»; d'um homem que, segundo o mesmo auctor no seu *Ménologe*, «como orador e como escriptor, a litteratura portugueza não lhe reconhece emulo».

Theophilo Braga, que quiz empanar o brilho do Padre Antonio Vieira, mordido pela tarantula da inveja, affigurou-se-nos um cão a ladrar á lua, tão pequena era a sua estatura a par da de Vieira.

E' ao grande apostolo, ao grande professor, ao grande theologo, ao grande philosopho, ao grande orador, ao grande escriptor que no dia 18 do corrente, 200.º anniversario do seu fallecimento, a patria agradecida vae prestar homenagem. Modesta, mas sincera, esta homenagem deve encontrar echo em todos os corações.

Nós, humildes obreiros da imprensa catholica, de todo o coração nos associamos a esta manifestação.

Não haverá foguetes, nem illuminações, nem cortejos. Mas haverá conferencias publicas, em que aquella grande figura será apresentada em todo o seu brilho, para que a geração presente conheça bem o grande Vieira e comece a amal-o e a reverencial-o.

As festas ruidosas são como as rosas de Malherne: duram apenas uma manhã. A apologia do grande portuguez e do grande Jesuita ficará gravada na memoria de todos e perpetuada em letra redonda.

Louvores mil á benemerita commissão promotora dos festejos do Padre Antonio Vieira!

Ainda que tarde, porque a recebemos a horas em que já não podia entrar no nosso numero de 1 de junho, publicamos agora, para a deixar archivada nas nossas columnas, a eloquente circular que a commissão distribuiu e que teve a amabilidade de nos mandar.

Eil-a:

«O respeito do passado, o culto das tradições, a admiração dos grandes homens são sentimentos inseparaveis do verdadeiro patriotismo, que n'elles encontra alimento e estimulo.

Por isso vemos erigir monumentos aos que honraram a patria com os seus talentos, virtudes e feitos gloriosos; por isso não deixamos passar despercebidos os centenarios de factos memoraveis da vida nacional.

Approxima-se o segundo centenario da morte do Padre Antonio Vieira.

Assim como a Egreja,— que vê na morte o termo da provação e a hora do triumpho para os que conquistaram, pela virtude, os loiros immarcessiveis da santidade,—escolhe o dia assignalado pelo passamento dos santos para lhes tributar culto e veneração, tambem a patria procede de egual sorte para com os seus filhos benemeritos.

Como dizia o proprio Vieira, «isto de nascer pelo que tem de si, nem merece alegria, nem tristeza.» Se, (ainda no seu dizer), «a verdadeira fidalguia é acção e cada um é suas acções», a morte vem sellar os pergaminhos que nobilitam, perante a posteridade, os que honraram a patria e por isso o anniversario da morte, e não o do nascimento, é o mais azado para reverenciarmos esses astros de primeira grandeza que brilham no céo da historia nacional.

Poderá como tal ser qualificado o Padre Antonio Vieira, ou será preciso exagerar-lhe os merecimentos para o divisar, perdido, como porventura alguns o reputam, entre a multidão dos homens notaveis que a custo emergem da penumbra da mediania?

Que o diga essa formosa lingua portugueza, um dos mais lidimos fundamentos da nossa autonomia, e que a Vieira deve, em grande parte, a revelação da sua incomparavel pujança, harmonia e flexibilidade.

Que o digam os mais illustres cultores das lettras patrias proclamando-o á compita o prosador inegualavel que soube pompear as galas da eloquencia, e que ninguem excedeu, nem sequer egualou, na propriedade dos epithetos, na fluencia da linguagem, na viveza das descripções, ora singelo e correntio, ora subtil e arguto.

Que maravilhoso escrinio é a collecção volumosa das suas obras! «Riquissimos minerios do mais fino oiro, pelo que respeita á linguagem» chama Camillo aos seus sermões.

Não é, porem, o orador e o epistolographo apenas, que devemos admirar n'essa complexa e rica individualidade.

Erudito de sciencia vastissima, embora eivada dos defeitos do seu tempo e prompta em acudir á chamada de uma intelligencia subtil que zomba das difficuldades dialecticas; moralista que pintou com vivas côres os costumes da sua epocha e fustigou os vicios sem piedade com o latego da sua caustica ironia alternando com as explosões indignadas do zeloso apostolo; patriota dedicado, que se algumas vezes errou, foi por fraqueza d'entendimento e não por felonia; politico e diplomata consummado, amigo do seu rei e da sua patria, missionario zeloso e infatigavel; religioso exemplar no desprendimento da riqueza, em que sempre timbrou, e nos extremos da mais acrisolada caridade: taes são os traços caracteristicos d'essa figura proeminente da epocha da Res-

tauração, revelados por uma carreira tão longa quão laboriosa e agitada.

Para tornar mais refulgente a sua gloria basta a campanha generosa e tenaz por elle emprehendida a favor da humanidade para com os indios, da tolerancia para com os christãos novos, cuja causa advogou tantas vezes a despeito dos odios concitados que o levaram aos carceres da inquisição.

Sim, foram as diligencias de Vieira para melhorar a situação dos christãos novos e pol-os ao abrigo das extorsões e iniquidades da inquisição o verdadeiro motivo da perseguição que soffreu.

Não são menos valiosos titulos á nossa admiração as diligencias emprehendidas para promover o desenvolvimento do commercio, a creação de companhias commerciaes, o aldeamento e civilisação dos indios.

Pois bem! tão illustre portuguez aguarda ainda a homenagem condigna do seu alto valor.

Se fizermos a lista dos nossos homens celebres por ordem de benemerencia e o inventario das estatuas que temos erigido, bem póde ser que entre as duas serie de nomes não haja perfeita correspondencia. Estarão, talvez, na cabeceira d'aquella nomes que n'este não figuram, e Vieira é um d'elles.

Não soubemos consagrar-lhe monumento digno de tal vulto, nem ao menos preservámos do contacto de mãos ignaras o thesouro que elle nos legou. As suas obras por ahi correm em edições deploraveis sem critica nem methodo, mescladas de producções apocryphas, e ainda assim não é facil alcançal-as.

Nos archivos das bibliothecas jazem desaproveitados preciosos inedictos, cujo estudo projectaria viva luz sobre uma epocha tão interessante da nossa historia.

Se até hoje se não fez de uma edição monumental e auctorisada dos escriptores de Vieira um padrão de gloria para o grande jesuita, menos ainda se pensou em escolher as gemmas preciosas de tão opulenta collecção, reunindo-as em volume accessivel ás multidões a fim de lhes educar o gosto e ministrar-lhes proveitosa lição de boa linguagem.

Lacuna imperdoavel da nossa litteratura! Nacionalisamos os estranhos, inundamos o mercado litterario de productos exoticos, e reservamos para os eruditos frequentadores de bibliothecas o invejavel privilegio do convivio intellectual com os classicos! Quando muito, inserimos nas selectas um ou outro trecho, e julgamos ter feito assim quanto importa para o lustre e renome da lingua portugueza.

Taes são, senhores, as considerações que levaram alguns homens de boa vontade e de são patriotismo a reunir-se para promover uma commemoração nacional do Padre Antonio Vieira, commemoração modesta, despretenciosa, desataviada de ouropeis e de visualidades apparatosas, util e duradoura pelos fructos, como convém ao caracter do homem que tem por objecto.

Depois de maduro exame foi para esse fim adoptado o seguinte conjuncto de alvitres:

1.º Solemnes officios religiosos no dia 18 de julho proximo, anniversario da morte do Padre Vieira, em que seja pronunciado o seu panegyrico por algum dos nossos mais notaveis oradores sagrados.

2.º Collocação de uma lapide commemorativa no local que opportunamente fôr determinado.

3.º Publicação de uma selecta abrangendo escriptos das diversas obras de Vieira, bem como uma noticia biographica.

4.º Instancias junto da Academia das Sciencias para a publicação das obras completas do Padre Vieira em edição critica abrangendo os seus inedictos.

5.º Conferencias destinadas a tornar bem conhecida sob os seus multiples aspectos aquella extraordinaria individualidade.

O sentimento patriotico é assaz comprehensivo para constituir nexo entre as opiniões e vontades divergentes. Para admirar o Padre Antonio Vieira basta ser portuguez, amante das glorias da sua patria.

E' preciso que essa homenagem que se lhe vae prestar seja verdadeiramente nacional pela participação de todos que por qualquer forma exercem a sua actividade em proveito do paiz e possuem auctoridade e influencia sobre o espirito publico.

Ao clero, á imprensa sem distincção de cores politicas, ás corporações representativas do commercio, a todos que se orgulham de ser portuguezes, convidamos pois a dar a sua valiosa adhesão á homenagem projectada, e a divulgar o conhecimento da vida e das obras do Padre Vieira.

Que um pensamento commum venha reunir todas as forças vivas do paiz na homenagem prestada ao principe dos seus prosadores, que tão patrioticamente prégou a união dos bons portuguezes, não menos necessaria hoje que no seu tempo.

Lisboa, 30 de maio de 1897.

A commissão promotora

Thomaz Ribeiro, Presidente.
Fernando Pedroso, Vice-presidente.
Senna Freitas.
Conde de Bertiandos.
José de Sousa Monteiro.
Ramalho Ortigão.
Eduardo Burnay.
Visconde de Castilho.
Gabriel Pereira.
Alfredo da Cunha.
Thomaz d'Almeida Vilhena } Secretarios
José Fernando de Souza }

A genuflexão deante do SS. Sacramento

A GENUFLEXÃO usada na Egreja desde tempo immemorial, é não só uma homenagem d'adoração profunda e d'acatamento tributado á presença real de Jesus Christo no Tabernaculo, mas tambem um acto de reparação. E é certo que se infelizmente ha muitos christãos que fallam e riem deante da Magestade divina como no meio da rua, e passam deante do sacrario negligente ou descaradamente, sem fazerem signal algum de respeito ou fazendo-o mal, tambem o é que as pessoas piedosas se conhecem na modestia, gravidade e reverencia com que se inclinam deante do Senhor dos senhores.

Esta questão, por insignificante que pareça, tem, além do aspecto religioso, outro que não é de despresar. Quem faz mal a genuflexão, além d'uma falta d'attenção para com o seu Deus, commette uma falta de bom gosto. Haverá coisa mais ridicula do que essa atabalhoada mesura que certa gente faz, persuadida de que faz uma genuflexão respeitosa? Entre-se nas egrejas do Porto, principalmente aos domingos, ás horas mais adiantadas do dia em que se celebram missas, e veja-se como a gente da grande roda faz a genuflexão ao SS. Sacramento. Em vez de genuflectirem respeitosamente, parecem acrobatas de feira a fazer momices para o publico.

E quantos que se não dignam nunca completar a genuflexão tocando com o joelho no chão!

Varias vezes se tem perguntado á Sagrada Congregação dos Ritos se as mulheres devem fazer a genuflexão ou uma simples reverencia; e a Congregação tem respondido sempre que as mulheres, como os homens, devem fazer a genuflexão.

Tendo alguem pedido a Pio IX, de grata memoria, indulgencias em favor da genuflexão para fomentar esta pratica d'acatamento, Pio IX negou-se a concedel-as, com grande surpreza dos que as pediam. Depois souberam que aos exercicios d'obrigação não se podem conceder indulgencias, como não se concedem á Missa nem ao jejum de preceito.

A simples genuflexão faz-se ao passar por diante do Tabernaculo, dobrando sómente o joelho *direito,* e não o esquerdo, como costuma muita gente, que deve tocar o solo e sem inclinar a cabeça. Não deve fazer-se a genuflexão a andar; chegada ao ponto conveniente a pessoa que sauda o Senhor, pára dobra o joelho, levanta-se e só começa a andar depois d'estar de pé.

Quando o Santissimo está exposto, faz-se a genuflexão dupla, com ambos os joelhos. Põe-se primeiro em terra o joelho direito e depois o esquerdo, e n'esta posição o fiel faz uma inclinação profunda com a cabeça.

E para que se veja a influencia que na nossa Religião teem as praticas que parecem insignificantes, como esta, vamos narrar um caso singular que se passou com o Em.mo Cardeal Mermillod, quando Bispo de Genebra.

Tinha este Prelado o costume, antes de ser desterrado da sua diocese, de fazer de noite a sua ultima visita ao Senhor Sacramentado quando já não estava ninguem na egreja, para vêr se as portas estavam bem fechadas e afastar a possibilidade d'algum sacrilegio, tão de recear em terras de protestantes. Terminada a sua oração, costumava aproximar-se do altar-mór, fazer uma larga genuflexão e beijar o solo ao retirar-se, em signal do mais profundo acatamento.

Uma noite, em que julgava estar só, ao levantar-se depois das suas costumadas devoções, ouve ruido, vê abrir-se um confissionario e sair d'elle uma distincta senhora, que com ar resoluto e compungido se aproxima d'elle.

— Que faz aqui a estas horas, senhora?

— Sou protestante, como V. Ex.ª Rev.ma sabe; assisti a todos os sermões de V. Ex.ª Rev.ma durante esta Quaresma, e ouvi tudo o que V. Ex.ª Rev.ma disse ácerca da presença real. Convencida pelos seus argumentos, restava-me uma duvida, e era se V. Ex.ª Rev.ma acreditava o que prégava. Vim por isso aqui, para vêr se em particular V. Ex.ª Rev.ma tratava a Eucharistia com o respeito que se deve a Jesus Christo presente, e decidida a converter-me, se achasse o procedimento de V. Ex.ª Rev.ma em harmonia com as suas palavras. Vim, vi com meus proprios olhos e creio. Peço-lhe que me confesse!

E, d'alli por deante, foi uma das mais fervorosas damas catholicas de Genebra.

De modo que uma simples genuflexão decidiu da salvação ou perda d'uma alma. Pensemos, pois, na influencia que podemos ter sobre os outros e demos bom exemplo, não só fazendo bem a genuflexão, mas tambem cumprindo com exactidão e escrupulo outras muitas praticas da nossa santa Religião, que pareçam indifferentes, como esta de que nos occupamos, mas que podem contribuir muito para a edificação e salvação das almas.

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

(Continuado da pag. 150)

CCLXXXV

P. Lourenço Ricci

Ainda que se não distinguiu por grandes acções, nem por obras litterarias o jesuita, de que agora nos occupamos, não deixa, comtudo, de ser um dos homens notaveis da Companhia de Jesus. A dignidade que teve n'esta congregação, as circumstancias do seu tempo, e ainda outros actos da sua vida, tornam o seu nome memoravel na historia.

Lourenço Ricci foi geral da Companhia de Jesus, sendo eleito a 21 de maio de 1758. Succedeu a Luiz Centurione que pouco tempo governou a Ordem de Santo Ignacio. Tinha 55 annos quando foi constituido superior.

Ricci tinha nascido em Florença, a 2 de agosto de 1703, e era d'uma familia distincta. Conhecido por sua piedade, por suas altas virtudes e por seu espirito cultivado e doçura de caracter, não teve outras qualidades para fazer recahir n'elle a eleição na congregação geral convocada em Roma.

O acontecimento mais notavel que se deu no seu generalato, o unico que immortalisou o seu nome, foi a extincção da Companhia de Jesus por Clemente XIV.

Por muito sabidas, não entraremos aqui na discussão das causas que produziram o golpe fatal da extincção. Por outro lado todos sabem que a Companhia de Jesus foi solemnemente, com a maior honra, restabelecida por Pio VII que derrogou o Breve de Clemente XIV.

Note-se que os jesuitas tinham sido expulsos de quasi todos os estados da Europa, por intrigas de ministros philosophos ou impios, por conspiração dos incredulos e libertinos de todos os generos. Tudo então era hostil á santa Companhia de Jesus.

O decreto pontificio, que aboliu aquella famosa e benemerita congregação religiosa, não foi outra cousa que uma exigencia das côrtes, como para sanccionar os seus actos despoticos.

Mas esse decreto não condemna a Companhia de Jesus, nem as suas doutrinas, nem os seus costumes, como o teem provado até alguns escriptores protestantes judiciosos. N'elle não se sancciona nenhuma das accusações feitas aos jesuitas pelos seus inimigos.

E' certo que n'este tempo a Companhia de Jesus estava na sua maior observancia regular, como no seu estado primitivo, conservando o mesmo fervor. Havia muita piedade, muito zelo, e sobretudo muita união e caridade.

Apesar das perseguições de que era alvo a Ordem de Santo Ignacio, durante o governo do P. Recci, os seus membros viviam pacificamente, unicamente votados ao seu ministerio e ás suas occupações regulares: não havia desordem nem tumulto interior.

O geral Lourenço Ricci, apenas tomou posse do seu cargo, apresentou ao Pontifice Clemente XIII um *Memorial* sobre as perseguições que em Portugal soffria a Ordem. O Santo Padre publicou uma Bulla em defesa dos jesuitas.

O P. Ricci, depois de publicado o decreto da extincção, foi encerrado com alguns outros jesuitas no castello de Santo Angelo, onde falleceu a 24 de novembro de 1775. Antes de morrer protestou pela sua innocencia e pela da sua ordem, que nenhuma causa tinha dado a tanto rigor.

Fizeram-se todas as diligencias para procurar crimes, mas nada se achou. E hoje está demonstrada com toda a evidencia a injustiça da perseguição.

Convem saber que Pio VI, successor de Clemente XIV, era amigo da Companhia de Jesus, e, supposto que não pôde, em rasão das circumstancias da epocha, livrar da prisão o P. Ricci, suavisou-lhe as condições do seu estado, e depois da sua morte fez-lhe pomposas exequias.

Alguns auctores teem dito que o P. Ricci, ainda que varão apostolico e cheio de virtudes, não tinha as qualidades necessarias para conjurar a tempestade que se levantou contra a Companhia: era d'um caracter timido, pouco proprio para luctar com as paixões humanas.

Poderá ser assim. E' certo, porém, que no mesmo caso estaria um Claudio Aquaviva, e talvez um Santo Ignacio de Loyola, em eguaes circumstancias.

Em todo o caso, Lourenço Ricci procedeu sempre com dignidade, governando santamente a Companhia de Jesus.

(Continúa).

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

Bemfeita

Descripção estatistica

(Continuado de pag. 152)

CASA DA ESCOLA.—Está situada no sitio chamado do Areal, foi feita em 1864 com donativos da freguezia.

Casa de residencia.—Está situada perto da egreja e foi comprada a José Maria da Fonseca, barbeiro, por réis 300$000, á custa dos parochianos no 1.º anno de Parocho Encommendado do Padre Alfredo.

Cristaes da sacristia da egreja matriz.—Foram feitos em fevereiro de 1867 por 42$300 réis.

Conventos.—Não tem; o mais perto era no Cazal de S. João, freguezia de Villa-Cova (Ordem de Malta), e em Villa-Cova (Ordem de Santo Antonio).

Correio.—Tem posta rural das 6 ás 7 horas da manhã, a qual leva e traz a correspondencia da Estação Postal de Coja.

Convivencia.—Pouca, attendendo a que quasi todas as pessoas se entregam á agricultura.

Clima.—De verão é bom talvez pelas arvores que ha na margem da ribeira, que banha a terra; de inverno porém é muito frio, talvez por essa mesma razão e pela posição em que a terra está.

Diligencia ou mala posta.—Não ha; a mais perto é actualmente perto da Cerdeira, e dentro em pouco na Cerdeira por estar breve concluida a estrada nova, que está em construcção até áquella localidade.

Derrama.—E' de 60$000 réis, uma insignificancia attendendo ao trabalho que ha.

Districto administrativo.—Coimbra a 43 kilometros (Vide *Diccionario Chorographico* de F. A. de Mattos).

Diocese.—Idem.

Egressos.—Não tem.

Edades superiores a 90 annos.—Actualmente não ha, mas tem havido!

Egreja.—Nunca foi conventual. Actualmente está em estado soffrivel, devido aos melhoramentos que tem tido, promovidos principalmente pelo ex.mo snr. dr. Albino de Abranches Freire de Figueiredo, deputado do circulo; e pelo ex.mo e rev.mo sr. Arcediago José Simões Dias, primo paterno do auctor d'estas linhas. A capella-mór foi feita em 1844 sendo parocho Antonio das Neves e Souza Pimenta, natural de Coja, com os disimos que pagou a freguezia. A tribuna foi feita em 1846 e dourada no anno de 1862 sendo parocho Antonio Soares Correia; importou a douradura em 118$000 réis. O relogio foi posto na torre em 1866; custou 72$000 réis á custa da Bemfeita. A Umbella nova foi comprada em Coimbra por Albano Antonio da Fonseca por voto que fez. Foi comprada em 1867 em que houve funcção de semana santa a que assistiu o sr. Arcediago Manuel Simões Dias Cardoso, tio paterno do auctor d'estas linhas, natural do logar das Luadas d'esta freguezia, examinador synodal e professor de latim no Lyceu e Seminario de Coimbra.

Escola.—Tem escola de instrucção primaria regida pela primeira vez pelo rev.mo sr. Padre Antonio Nunes Teixeira, a quem o auctor d'estas linhas muito deve por ser o seu segundo mestre, guia e educador; aposentou-se, fallecendo poucos annos depois. Em seguida foi regida pelos srs. Antonio Anastacio de Figueiredo, segundo primo materno (por affinidade) do auctor d'estas linhas, o qual ainda hoje (1895) vive, gosando a jubilação. Já é viuvo. Em seguida tem sido regida pelos senhores José Gonçalves Mathias, José Nogueira (interinos) Julio Martins de Almeida dos Cepos, o qual foi substituido por Adjucto Dias, d'este logar e freguezia (interino). Era o dito snr. professor Julio Martins de Almeida habilitado pela Escola Normal de Lisboa, mas só para o ensino elementar, mas no goso de licença de alguns mezes habilitou-se para o ensino complementar, e sendo despachado para uma das escolas do Algarve ficou a escola d'esta freguezia (1895), sendo regida pelo rev. parocho Alfredo Nunes de Oliveira e hoje (1896), é habilmente regida pelo sr. Antonio Rodrigues da Silva, natural de Coimbra, onde foi leccionista particular, segundo uns annuncios publicados por elle no jornal da Villa de Rio Maior *A Civilisação Popular.*

Estrada de viação.—Não tem, a mais perto é a que actualmente se anda a construir desde o Pisão, freguezia de Coja á Cerdeira.

Etymologia ou origem do nome da terra. Conta-se que o nome da terra (Bemfeita) vem-lhe do *bemfeito* de uma capella que ainda hoje existe no sitio, chamado a Capella, que não tem nada de bemfeita, mas que antigamente lhe deram aquelle nome «Capella *bemfeita*». Dizem que foi a primeira capella da freguezia, e que era então a egreja matriz. Hoje com certeza não podia servir de egreja matriz, porque era pequena.

Emolumentos de pé de altar.—Vide baptismos, attestados, certidões, enterros, casamentos, folar e officios.

Enterros ou obitos. Ha uns 23 enterros ou obitos por anno. O parocho tem de uma creança 120 réis e do enterro de um adulto, 4 litros de milho ou 240 réis em dinheiro.

Exportação.—Exporta azeite e milho e antigamente phosphoros, quando alli funccionavam as fabricas.

Fogos.—Em 1863 tinha 337 fogos (vid. *Chorographia Portugueza,* pelo Padre Antonio Carvalho da Costa, 2.ª edição. Em 1883 tinha 423 fogos. Em 1889 tinha 355 fogos (vid. *Diccionario Chorographico,* de F. A. de Mattos).

Festas.—Não se tem feito a do orago (Sancta Cicilia), apesar do auctor d'estas linhas, quando dirigiu interinamente a freguezia, ter proposto e aconselhado que se devia fazer. Tem-se feito alguns annos a do Santissimo Sacramento, a do Sagrado Coração de Jesus, e todos os annos a expensas da Irmandade de Nossa Senhora da Assumpção.

Fundadores de escolas.—Nenhum.

Fructos ou producções.—Milho, azeite, feijão, batata, gado lanigero e caprino.

Folar.—Regula por 20$000 réis.

Fabricas.—Actualmente com as leis do monopolio dos phosphoros não ha nenhuma. Antes d'este monopolio havia tres fabricas de phosphoros a saber: a de Manuel Martins, a de Augusto dos Santos e a de Lourenço dos Santos, todos parentes, mas já remotos, do auctor d'estas linhas.

Generos.—O azeite regula em tempo normal a 2$400 réis cada 13l,3; e o milho a 400 réis cada 14l,84. O feijão a 700 e 600 réis e a batata a 200 réis cada alqueire.

Historia.—No tempo do Bispo de Coimbra D. Miguel deu um conego que se chamava Pedro Salvador ao cabido a metade da Villa das *Bemfeitas;* junto de Coja (*Instituições Christãs,* 8.º anno, 1.ª série, pag. 216). N'uma das cartas do sr. Bispo Conde D. Francisco de Lemos a Vicente Pereira de Lemos diz-lhe: «Lembro-me que tenho a mata de Margras, (freguezia da Bemfeita) cheia de madeiras de castanho, principalmente de páos para os telhados, frechaes e barrotes; da qual posso tirar muitos mil cruzados para concertar as minhas cousas. Talvez que as obras da Ajuda e outras muitas d'essa cidade necessitem d'ellas e que falando-se com os administradores das ditas obras e com outras se possa ahi ajustar o córte d'ellas (*Instituições Christãs,* 10.º anno, 2.ª serie, pag. 281). A Bemfeita foi antigamente comarca de Vizeu. Eram seus donatarios os Bispos de Coimbra como Condes de Arganil (*Portugal antigo e moderno,* 1874, na palavra «Bemfeita».)

O Reitor de Coja é que apresentava o cura, que tinha 90$000 réis de renda. E' fertil em cereaes e castanha e do mais mediana. Está situada em um valle d'onde se não descobrem outras povoações; fica proxima a serra do Açor e é abundante de caça.

E' terra muito saudavel. Passa por aqui a ribeira da Matta, que rega, moe e traz peixe (idem).

No dia 8 de setembro de 1868, desde as tres horas da tarde até ás quatro e meia, houve uma trovoada tão forte, que não ha memoria de haver outra; fez estragos taes, que não se podem descrever com exactidão; levou quantas pontes havia em toda a ribeira, até uma de pedra que havia no Pisão e a ponte do Senhor do Sepulchro em Coja; não escaparam amieiros, alamos e salgueiros.

A cheia chegou á egreja matriz, subindo dois palmos na porta principal, não entrando na egreja porque se tapou com o lodo. Por essa occasião descobriu-se na Ribeira da Avelleira o cadaver do infeliz Antonio Nunes do logar dos Pardieiros, que tinha sido barbaramente assassinado em março d'esse anno; era filho de outro Antonio Nunes do logar dos Pardieiros; emquanto não veio a cheia suppunha-se que tinha sido assassinado, mas não se sabia o seu paradeiro. Este crime foi imputado a dois individuos, um do Sardal e outro dos Pardieiros, os quaes foram presos pelos proprios visinhos; d'estes um morreu no Limoeiro e outro no mar em viagem de degredo para a Africa.

O primeiro morador que houve no Bairro de Sancta Ritta foi Lourenço dos Santos, fabricante de phosphoros, natural do Pisão. A segunda casa que ali se fez foi em 1867 pelo mesmo Lourenço dos Santos; a terceira casa foi feita por José Gonçalves Mathias que a habitou em 1869.

As pontes tanto fundeira, como cimeira (cabo) foram feitas em 1869 por conta da Camara. O córte do Castello ao Pisão d'Agua das Maias foi feito em 1870 e 1871 por João dos Santos Coxo, que morava no dito Pisão de Agua das Maias. Foi aberto por 300$000 réis.

No dia 8 de setembro de 1878 caiu outra trovoada tão forte, que levou as pontes da Bemfeita, estragou as fazendas e fez mais estragos do que a que veio ha dez annos no mesmo dia e hora. O mesmo aconteceu á Ribeira de Pomares que até levou a Ponte de Pedra que havia em Avô, chamada Ponte de Santo Antonio. O mercado novo na villa de Coja foi feito pelo dr. José Albano de Oliveira da mesma villa. O primeiro mercado ali foi em 1880; quando andavam fazendo os alicerces para os telheiros appareceram varias moedas de prata de El-Rei D. Manuel; pesavam tanto como duas moedas de 200 réis, mas eram muito mal feitas. Antes de 1834 era obrigada a Commenda de S. Miguel da Villa de Coja a pagar ao parocho da mesma villa a congrua de 90$000 réis, quatro alqueires de trigo e dois almudes de vinho e ao coadjutor do mesmo parocho a congrua de 50$000 réis, dez alqueires de centeio, dez de trigo e seis almudes de vinho. Ao parocho de Meda de Mouros 38$800 réis de congrua, 27 alqueires e meio de trigo e dois almudes de vinho. Ao cura de Pinheiro 26$000 réis; ao da Cerdeira 30$000 réis, dois alqueires de trigo, dez de centeio e dois almudes de vinho. Ao cura da Bemfeita 32$000 réis de congrua, 12 alqueires de trigo, dez de centeio e 17 almudes de vinho, cozido e escolhido. Ao cura da Teixeira 34$000 réis de congrua, 32 alqueires de trigo, cinco de centeio e dois almudes de vinho e á fabrica matriz 12$000 réis; para os santos oleos 7$200 réis; ao Santissimo Sacramento seis alqueires de azeite, cera para o altar mór em todo o anno, cera para o candelabro e meio arratel de incenso, cera amarella para os candieiros das outras egrejas, havendo endoença, e um quarto de incenso cada anno.

Consta por tradição que houve em tempos remotos dois castellos na freguezia da Bemfeita; um no sitio denominado Agua das Maias; outro no sitio denominado a Picota ao cimo da matta da Margaraça e ainda se conhecem vestigios das paredes e detraz da Picota para o lado do Sul houve uma quinta chamada Silveirinha, que foi habitada por uma familia nobre e pertencente á freguezia de S. Pedro de Coja, que era no Paço, onde hoje é o mercado da mesma villa. Da Ribeira da matta da Margaraça sahiam oito levadas de conduzir agua, quatro da margem direita e quatro da esquerda; ignora-se para onde a agua era conduzida; suppõe-se que era para levar terra e tirar ouro; ainda em muitas partes se conhecem vestigios das mesmas levadas e o mesmo logar de *Luadas* suppõe-se ser corrupção de *levadas*.

A estrada que vae da Dreia para a Bemfeita foi aberta sendo Bispo de Coimbra D. Francisco de Lemos. A ponte fundeira de pedra foi feita em 1880.

O primeiro parocho collado que houve na freguezia foi Luiz Bernardo Soares.

(Continúa.)

ALBINO S. D. C.

SECÇÃO LITTERARIA

BUSCAR LAN...

—

N'uma arvore empoleirado
Viu rapoza assaz matreira
O senhor da capoeira
Cantando muito enfunado.

—Adeus, lhe diz, meu dilecto!
Mas... em que alturas te vejo,
Quando é chegado o ensejo
De te provar... meu affecto!

Solta o vôo resoluto,
Comece o nosso contacto:
Temos de paz um contracto
Que assignou vosso rei bruto!

Mas D. Gallo que intendeu,
Porque não era dos tolos
Que comeu papas e bolos,
De cima lhe respondeu:

—Teus serviços reconheço,
Doce comadre benigna,
E de mensagem tão digna
Os favores... te agradeço.
. . . . . .

Olá! dois galgos voando
Para aqui em direitura?
Vêem-nos mostrar a escriptura
Do contracto... venerando!...

Bato as azas de contente!
Todos quatro folgaremos,
E assim as pazes faremos
Perante a regia patente!

—Que desgraçada noticia!
Não vir um'aguia ou um raio,
Ou não te dar um desmaio,
Regouga a toda malicia!

E entre as pernas com presteza
Mette o lanzudo rabinho,
E deixa o gallo sozinho,
Despedindo-se á franceza.

—Anda cá, dizia o d'alto,
Então já não queres pazes?
Todos nós sômos capazes...
Cá por mim, crê que não falto.

Mas a astuta comadrinha
Resposta já não quiz dar
Ao que assim soube lograr
A que para lograr vinha.

—

Era assim que os scelerados
Que, rapozas por officio,
Vivem do roubo e do vicio,
Precisavam ser logrados.

ALVES D'ALMEIDA.

SALMO PRIMEIRO

—

Bemaventurado o homem
Que não segue os maus caminhos
Dos impios—sempre damninhos—
Que a sancta moral consomem;

SANTO IGNACIO DE LOYOLA

Mas que põe sua vontade
Do Senhor na lei bemdicta,
E que n'essa lei medita
Por exalçar a verdade...

El será como o pomar
A' beira d'agua plantado
Que, crescendo abençoado,
Seu fructo um dia ha de dar.

E em tudo quanto fizer,
El será bem succedido
Por em tudo haver seguido
O que Deus ordena e quer.

Não são assim os descrentes,
Mas semelhantes ao pó
Que os ventos lançam sem dó
Nas caudalosas torrentes.

Por isso os impios, ó dor,
Co'os bons não resurgirão,
Nem o premio alcançarão
Dos selectos do Senhor;

Porque Deus pune a maldade,
Sendo que os bons gozarão
Emquanto os maus penarão
Por toda a Eternidade!...

SEGUNDO

Porque se ensuberbeceram
As nações, e porque foi
Que os povos,—que Deus perdôe,—
Projectos vãos conceberam?

Da terra os reis se oppozeram
E os principes se ajuntaram...
E contra Deus blasphemaram,
E contra o Christo disseram:

« Rompamos os ferreos laços
« Com que prender vos pretende,
« E d'esse jugo que estende
« Prestos cortemos os passos!»

Mas o Todo omnipotencia
Zombará de taes loucuras,
E O que habita nas alturas
Rirá de tanta demencia...

Elle então lhes fallará
No auge da sua ira,
E aos que tão rebeldes vira
De turbação encherá!...

Eu porem, ó insensatos,
Por El fui Rei de Sião
Para que toda a nação
Em mim visse seus mandatos.

E o Senhor me disse um dia:
« Tu és o meu Filho amado,
« E das nações o reinado
« Te entrego que Eu possuia:

« E com elle, quanto encerra
« O mundo que antes criei:
« E teu reino estenderei
« Até aos confins da terra.

« E os povos governarás
« Com uma vara de ferro;
« E com o puder que encerro,
« Como um vime os torcerás.»

E vós, ó reis, instrui-vos:
Vós, que julgaes as nações,
Abri vossos corações
Aos preceitos relativos:

Servi a Deus no temor
Sem quebra de seus mandados,
E n'Elle assaz resignados,
Vos alegrae com tremor.

Recebei o bom ensino
Porque o Senhor se não ire,
E porque em vós não delire
Nem justiça, nem bom tino:

Porque em contados momentos,
Quando a justiça arder n'Elle...
Bemaventurado aquelle
Que guardar seus mandamentos!

ALVES D'ALMEIDA.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Morte d'Heli

(Vid. pag. 159)

Os Philisteus foram encarregados de punir Israel por causa de suas prevaricações. Depois de reunirem um exercito, invadiram a planicie d'Aphec na tribu de Judá, e deram batalha aos Hebreus acampados proximo d'Eben-Ezer (pedra do Soccorro). Venceram-n'os e mataram-lhes perto de quatro mil homens.

Depois d'esta derrota, o povo d'Israel julgou que fora desbaratado por ter deixado a arca em Silo e por não a ter trazido para o seu acampamento. «Mandem-n'a pois vir para aqui, exclamou a turba, ella nos preservará dos nossos inimigos.»

Mandaram-n'a buscar a Silo e transportaram-n'a para o meio do seu exercito. Os dois filhos d'Heli, Ophni e Phinéas a acompanharam. Similhantes áquelles homens que julgam que basta ter as exterioridades da religião para ser agradavel ao Senhor, os Israelitas ao verem no seu acampamento a arca santa, julgaram-se certos da victoria e soltaram gritos de alegria tão retumbantes que faziam estremecer o chão.

Os Philisteus quando ouviram taes clamores diziam uns para os outros: «Que significa este rumor tão extraordinario que se ouve no acampamento dos Hebreus?» Mas quando souberam que aquellas acclamações tinham por causa a chegada da arca do Senhor, o medo se apossou d'elles e exclamaram atemorisados: «Ai de nós! que o Deus d'elles está agora no seu acampamento. Hontem e ante-hontem não estavam elles contentes. Ai de nós! Foi este o Deus que castigou o Egypto com as pragas mais crueis que póde haver. Quem nos ha de livrar da mão d'esse Deus poderoso?»

Os chefes dos Philisteus tentaram todavia despertar a coragem dos seus soldados repetindo-lhes sem cessar: «Valentes Philisteus, não trepideis, portae-vos como homens corajosos. Quereríeis ser escravos dos Hebreus, assim como elles teem sido vossos? Pelejae pois valentemente e não vos deixeis levar por mentidos receios. Esses homens que vós tantas vezes tendes vencido não serão hoje capazes de resistir com melhor exito á vossa coragem do que nas outras occasiões.»

Travou-se a peleja e, apezar da presença da arca santa, Israel que se tornara indigno da protecção do Senhor ficou vencido. Cada um fugiu para a sua tenda e a confusão foi tão grande que se perderam trinta mil homens. A propria arca foi tomada e os dois filhos d'Heli, Ophni e Phinéas, foram mortos na refrega.

No mesmo dia do combate chegou a Silo um homem da tribu de Benjamin vindo do exercito com os vestidos rasgados, e a cabeça coberta de cinza em signal de trazer tristes noticias. Na occasião do homem chegar, estava Heli sentado no seu logar, voltado para o caminho, esperando anciosamente noticias do que tinha acontecido á arca santa.

Assim que o mensageiro entrou na cidade e participou o resultado da batalha, toda a gente prorompeu em gritos lastimosos. Quando Heli estava indagando qual a causa do ruido confuso que ouvia, chegou ao pé d'elle o homem que fôra testemunha do desbarato de Israel e disse-lhe sem rodeios: «Venho da batalha; ambos os teus filhos Ophni e Phinéas foram mortos e a arca de Deus ficou em poder dos Philisteus.» Ao ouvir a ultima palavra, Heli caiu para traz d'onde estava ao pé da porta e abriu a cabeça. Tinha noventa e oito annos e julgara Israel por quarenta annos.

* * *

Santo Ignacio de Loyola

(Vid. pag. 165)

Não cabe, nas poucas linhas que costumamos dedicar a esta vida dos santos, fazer a historia do grande Santo Ignacio de Loyola, o açoite da heresia, historia que anda escripta em volumosos livros.

Daremos, porém, um resumo d'ella aqui.

Ignacio nasceu no anno de 1491, em Guypuscoa.

Ignacio seguiu a vida militar. Na tomada de Najera deu provas d'insigne valor. Não dava, porém, as mesmas provas em virtudes christãs.

Sitiava o exercito francez o castello de Pamplona, e o vice-rei D. Henrique, tendo de sahir para ir pedir soccorros, deixou por commandante a D. Ignacio. Sustentou elle só muitos assaltos.

Os sitiantes, espantados da intrepidez do valente hespanhol, dirigiram todas as suas forças para o posto que elle defendia, e foram ainda repellidos ao apparecer Ignacio empunhando o sabre para defender a brecha. Mas no calor do combate tendo-o apanhado uma bala de artilheria por uma perna que lhe partiu, ferido o commandante, a guarnição rendeu-se. Os francezes trataram a Ignacio com estima e respeito que mereciam seu valor e sua qualidade, e depois de lhe haverem pensado a ferida, mandaram-n'o transportar ao castello de Loyola que fica a poucas leguas de distancia de Pamplona. Sobreveiu-lhe a febre e esteve em perigo; recebeu os ultimos sacramentos, e julgou-se que apenas poderia viver algumas horas, quando, tendo adormecido, viu em sonho S. Pedro que o tocou e curou.

O successo mostrou assaz que não era falsa a visão. Uma cura tão miraculosa não o converteu no entanto; obrigado a guardar o leito pediu para se desenojar um romance ou alguma novella. Por fortuna não encontraram no castello senão a vida de Jesus e dos santos. Ignacio leu-as, e sentiu-se tocado, fez graves reflexões que lhe suggeria a differença de vida entre elle e elles.

A graça terminou a obra, e Ignacio converteu-se.

Seus primeiros passos na via da penitencia espantaram os mais fervorosos. Viram este cortezão, que para conservar toda a bizarria e o airoso do porte soffreu as mais dolorosas incisões, cingido por um cinto de ferro; tomar por habito um cilicio e um sacco, e esconder sob grosserias affectadas esse ar nobre e grande que lhe transparecia no rosto. Viam-n'o mendigar o pão de porta em porta, servir os doentes nos hospitaes, soffrer sem uma queixa os motejos e os ultrages dos libertinos; jejuar todos os dias a pão e agua; passar a maior parte da noite em oração: castigar rudemente seu corpo tres vezes ao dia, e entornar sobre si os rigores todos da penitencia.

Um fervor tão rigoroso não foi desacompanhado de consolação. A Santissima Virgem appareceu-lhe uma noite, tendo o Menino Jesus nos braços, e toda circumdada de luz. A uncção celeste que acompanhou esta visão, purificando-lhe o coração, abrazou-o de tal

sorte no amor divino, que o ouviam exclamar sem cessar: «Eu não vos peço, Senhor, outra graça senão amar-vos, e outra recompensa senão amar-vos mais.»

Sua terna devoção para com a Santissima Virgem inspirou-lhe a peregrinação de Montserrate, mosteiro famoso pela concorrencia de peregrinos que de todas as partes do mundo vem implorar o soccorro e honrar a imagem miraculosa da Virgem. Havia n'este mosteiro um religioso de eminente santidade; Ignacio fez com elle sua confissão geral com tanta dôr de seus peccados, que o confessor temeu que o penitente lhe expirasse aos pés; custou-lhe muito enxugar-lhe as lagrimas.

O santo passou a noite na egreja prostrado deante da imagem da Mãe de Deus. Fez voto de castidade; dependurou sua espada de um pilar proximo do altar, deu seus ricos vestidos a um pobre, tomou uma sotaina e poz-se a caminho de bordão na mão, a cabaça ao lado, a cabeça descoberta, pés descalços, coberto de sacco, e carregado só com instrumentos de penitencia.

Foi com esta pobre trouxa que o peregrino chegou a Manreza. Foi recebido no hospital; mas seu rosto esqualido, sua barba promissa, suas unhas com cairel, volviam-n'o medonho e repellente. O demonio serviu-se d'esta mudança de vida tão extraordinaria para o tentar. Os desprezos, a que se viu exposto, juntos á infecção do hospital e a uma turba de mendigos, com os quaes se viu confundido, suscitaram-lhe pensamentos de desgosto, que tendiam a persuadir-lhe que teria podido salvar-se na côrte ou no exercito, como n'aquelle estado.

Mas Deus não o deixou muito tempo n'esta illusão; Ignacio conheceu toda a malignidade d'ella e para a vencer por uma vez entrou para creado dos enfermeiros, votou-se aos mais humildes serviços e ao tratamento dos doentes que inspiravam maior repulsão. Começaram a respeital-o e a descobrir n'elle alguma cousa de grande por entre as exterioridades vis e despreziveis.

Ficou alarmado, desde que o percebeu, e sem se demorar um instante sahe do hospital e vai esconder-se em uma caverna a quinhentos ou seiscentos passos da cidade.

Foi n'este antro profundo que Ignacio julgou poder dar largas a seu fervor, e não pôr limites á sua penitencia. Despedaçava ao dia quatro ou cinco vezes seu corpo com uma cadeia de ferro armada de pontas. Passava semanas inteiras sem alimento, algumas raizes amargas impediam-n'o de morrer de fome, porque seus excessos o puzeram muitas vezes em perigo de vida. Encontraram-n'o um dia desfallecido á entrada da caverna; transportaram-n'o ao hospital, onde de novo o salteou o pensamento de mudar de genero de vida. A esta tentação sobrevieram outras de desgosto e de desesperação.

Os escrupulos fatigavam seu espirito; o céo parecia de bronze a seu respeito, e uma negra melancholia lhe tornava incomportavel a vida. N'estas terriveis desolações, Ignacio resolveu passar todo o tempo da prova sem alimento. Com effeito esteve sete dias sem comer nem beber, e teria levado estes excessos mais longe, se seu confessor não lhe tivesse posto limites. Deus recompensou logo sua submissão. O céo tornou-se sereno e a calma succedeu a esta horrivel tempestade. Deus encheu esta alma generosa das mais doces consolações: d'aqui em deante as visões eram seguidas de raptos e de extasis.

Foi n'estas communicações intimas com Deus que elle adquiriu esses conhecimentos sublimes sobre o mysterio da Trindade; o que deixou escripto a este respeito e que se perdeu era expresso na linguagem dos prophetas. Foi então que esclarecido por luzes sobrenaturaes, e penetrado das grandes verdades da religião compoz esse livro admiravel dos «Exercicios Espirituaes», approvado por tantos Summos Pontifices, e muito estimado das boas almas, no qual este homem inspirado reduziu como a compendio a conversão do peccador e a pratica da perfeição christã.

Depois de varias peripecias, Ignacio chegou á capital de França nos começos de fevereiro de 1528; foi alli que cursou os estudos. Foi tambem alli que preparou os seus primeiros discipulos, que mais tarde formaram a benemerita Companhia de Jesus.

Passamos em claro as peripecias que se deram com a implantação da Companhia, peripecias bem conhecidas, para falarmos do seu passamento, dando a palavra ao Padre João Croiset, seu filho espiritual:

Não era possivel maior mortificação, nem mais profunda humildade. Arrebatado um dia seu espirito, elevado da terra e rodeado de um resplendor celestial, ouviram-n'o exclamar: «Oh Deus infinitamente bom, pois que soffreis um miseravel peccador como eu!» Esta profunda e não menos engenhosa humildade roubou ao nosso conhecimento um grande numero de prodigios e de acções heroicas que por confissão dos Summos Pontifices e de todos os grandes homens que o conheceram, fizeram d'elle um dos maiores santos da Egreja.

Como sua enfermidade não era mais do que uma grande debilidade sem muita febre, tanto os medicos, como seus filhos enganaram-se; só o santo se não enganou; pediu os santos sacramentos que recebeu com extraordinario fervor. «Minha hora é chegada, disse para o Padre Polanco, ide e pedi ao Papa a benção para mim, e uma indulgencia para meus peccados.» «Pois que! replicou Polanco, é possivel que tenhamos de perder-vos tão depressa? Ninguem acredita que vossa enfermidade seja de perigo; não poderei dilatar essa diligencia para amanhã?»

«Fazei o que vos parecer,» respondeu-lhe o santo, receiando que se insistisse na ordem, lh'a attribuissem a revelação. Passou toda a noite occupado com Deus e em extase continuo. Os que entraram de manhã a visital-o, acharam-n'o já agonisando.

Acudiram todos os Padres, desfazendo-se em lagrimas, e pediram-lhe sua benção. Polanco foi a correr ao palacio pontificio, o Papa concedeu-lhe com grande dôr e com não menor benignidade quanto lhe pedia; no entrementes levantando Ignacio os olhos ao céo, e voltando-os depois para seus filhos, exhortou-os com voz desmaiada e moribunda ao constante amor de Deus, e a proseguir em tudo sua maior gloria: juntando em seguida as mãos, reerguendo os olhos ao céo, e pronunciando os nomes santos de Jesus e Maria, expirou docemente uma hora depois do sol nado, no dia ultimo de julho do anno 1556, aos sessenta e cinco annos de edade, trinta e cinco depois de sua conversão, e dezesseis da fundação da Companhia.

Antes da sua morte teve a satisfação de a ver estendida por todo o universo, e dividida em doze provincias, nas quaes se contavam pelo menos cem collegios. Tambem a viu aureolada com a coroa do martyrio na pessoa do Padre Antonio Criminal e dos irmãos Pedro Correia e João de Souza, os quaes todos perderam a vida ás mãos dos barbaros. A preciosa morte do servo de Deus fez nos animos aquella impressão, que n'elles deixa sempre a morte dos santos.

Em toda a cidade de Roma só se ouviam estas palavras: *Morreu o Santo.* Breve enxugou o pranto de seus filhos a confiança de que tinham no céo um protector. Achava-se em Roma S. Philippe Nery, quando morreu Ignacio, e falou d'elle depois de morto, como sempre falara em quanto vivo: dizia d'elle que era um homem todo cheio do espirito de Deus; que muitas vezes o tinha visto com o rosto illuminado de subito fulgor; que d'elle aprendera a fazer oração, e que muito lhe devia toda a christandade.

Emquanto se lhe fazia o officio do corpo presente, uma senhora, cuja filha havia cinco annos soffria de escrophulas, acreditou que a doente curaria se lhe fosse possivel tocar o cadaver do santo; mas como não podesse romper atravez da multidão, pediu a um Padre

que applicasse á parte lesa de sua filha algum objecto de que houvesse usado o servo de Deus. Assim o fez o Padre Vischaven, e no mesmo instante desappareceram as escrophulas sem deixarem signal de si.

Assegura-se que em vida resuscitara um morto e que fizera outros muitos milagres. Os que em todo o mundo obrava Deus por sua intercessão e em sepulchro moveram o Papa Paulo v, precedendo o competente processo e respectivas informações, a beatifical-o no dia 3 de dezembro do anno 1609; e o Papa Gregorio xv, a instancias do imperador, do rei de Hespanha, França, Polonia, Portugal e de quasi todos os principes catholicos da Europa, o canonisou solemnemente, por occasião de canonisar tambem S. Francisco Xavier, S. Philippe Nery, S. Isidro, lavrador e Santa Thereza, no dia 12 de março do anno de 1622.

Trasladou-se seu corpo e collocou-se ao lado direito do altar mór no dia 19 de novembro do anno de 1597 na celebre egreja de Jesus, edificada pelo Cardeal Alexandre Farnese. A capella que o Padre Tirso Gonçalves, decimo terceiro geral da Companhia, dedicou ao santo fundador, é considerada a mais rica e magnifica que ha no mundo.

RETROSPECTO

Peregrinação portugueza a Lourdes

A peregrinação portugueza a Lourdes partirá do Porto na segunda-feira, 16 d'agosto, no comboio das 7 horas e 23 minutos da manhã.

No proximo numero contamos poder dar os preços da viagem e outras informações necessarias.

O Imperador da Russia e Santo Antonio

O imperador da Russia, ainda que chefe da egreja schismatica, professa uma devoção especial a Santo Antonio de Padua.

Tendo ouvido fallar a um official da sua côrte, muito devoto do Santo Thaumaturgo, dos prodigios feitos por sua intercessão, o czar quiz collocar-se sob a protecção do Santo da Egreja latina e acceitou reconhecido uma medalha de Santo Antonio que o mesmo official lhe offereceu, e que desde então nunca deixou de usar ao peito.

Novo nome para o Reino Unido

Os escocezes queixavam-se de serem bastante sacrificados nos actos officiaes, e pediam que nos mesmos actos as palavras *Inglaterra* e *inglez* se substituissem por Grã-Bretanha e britannico. Um lexicologo londrino pensou que seria injusto excluir da denominação official os irlandezes, os indios e outros subditos da rainha Victoria, e propoz que á Inglaterra e suas colonias seja dado o nome de *Enwiscolia*.

N'esta palavra acham-se representados todos os subditos da rainha. *En* é tirado de *Englan* (Inglaterra); o *w* designa o paiz de Galles (Wales); o *i* a Irlanda; o *s* vem de Scotland ou seja Escocia; *col* representa o conjuncto das colonias, e por ultimo o *i* e o *a* são a primeira e ultima lettras da India.

A ideia é engenhosa, mas com certeza não é adoptada.

Inspiração providencial

Lemos no jornal *La Croix*:

«Um castellão das margens do Oise escreveu ao rev. Abbade de Compiégne a seguinte carta:

«... Esta manhã, apenas recebi o primeiro correio, assentei-me á sombra do gigantesco castanheiro que é um dos ornamentos do meu pequeno parque para o lêr. Percorrendo o supplemento de *La Croix*, de 3 de junho, li o artigo onde se narra a maravilhosa salvação que um joven do Bazar da Caridade deve á piedosa precaução tomada pela sua irmã de coser no forro do seu chapeu uma medalha miraculosa. Ao terminar a leitura do artigo, senti-me bastante commovido, e, levantando-me como por um presentimento, dirigi-me para a capella do parque.

«Passados apenas dous minutos, eu orava pelas victimas, e sobretudo pelo joven salvador, pedindo a Deus que multiplicasse estes impulsos da fé entre a juventude contemporanea, sem o concurso de semelhantes provas, quando, de repente, se ouviu um medonho estalido. Depois, gritos afflictivos chamavam por mim... Eram as pessoas de minha casa que se precipitavam anciosas para o banco onde me haviam visto assentado alguns minutos antes.

«O banco foi feito em pedaços pelo castanheiro que, não sei como, pois n'aquella occasião não havia vento, quebrou pelo meio e cobria o solo com as suas colossaes ramagens. Se eu alli estivesse, teria sido, sem duvida, triturado pelos seus destroços. Mas o jornal salvou-me do peso d'aquelle gigante, como a pequena medalha livrou o salvador de sua mãe e de sua irmã d'uma trave incendiada.»

A Virgem Maria e o joven pagão

Um missionario do Indostão escreve n'uma carta a um amigo:

«Ao chegar hontem á egreja surprehendi-me de vêr um joven que olhava para a fachada com muita attenção.

—Que fazes ahi?—perguntei-lhe.

—V. Rev.ma é o sacerdote d'esta elegante egreja?

—Sou, queres vêl-a?

– E' como a dos protestantes que não tem imagens?

—Não: tem uma formosa imagem de S. José com o Menino Jesus nos braços.

—Não tem a da Virgem Maria?

—Ainda não; mas não demorará em chegar.

—Folgo com isso, porque estimo-a muito.

—E's christão?

—Não, porque meu pae se oppõe a isso; mas sel-o-ei a seu pesar se v. rev.ma me instruir na fé dos christãos.»

As profanações satanicas

Em França quiz-se negar o commercio sacrilego das Hostias consagradas e os roubos das Santas Especies para profanações satanicas.

No domingo devia effectuar-se em Dizy uma festa solemne em reparação d'um d'estes sacrilegios commettido ha pouco, cuja intenção não pode ser posta em duvida.

No *Bolletin religieuse* de Reims lê se:

« Os sacrilegos introduziram se depois do meio dia na egreja, e, depois de terem collocado no altar mór duas pyxides e duas custodias que estavam n'uma capella lateral, reduziram a migalhas a Sagrada Hostia da grande custodia, e apoderaram-se das Santas Especies depositadas nas duas pyxides.

Abandonando a custodia pequena, collocaram de novo todos os vasos sagrados e uma campainha no tabernaculo do altar mór, tendo o cuidado de juntar a chave antes de fechar a porta.

O roubo não é pois o mobil do sacrilegio, escreve, com o coração alanceado, o parocho de Dizy Todas as circumstancias levam a crêr que nos achamos na presença de uma verdadeira profanação perpetrada por pessoas bem informadas dos cantos da egreja.

Os estragos do alcool

O alcool envenena lentamente.

Aquelle que tem o costume de beber todos os dias de manhã um calice d'esta bebida, torna-se fatalmente alcoolico.

Os licôres chamados aperitivos abrem o appetite? Não, pelo contrario.

O absintho é um veneno mais perigoso que a morphina e a belladona.

Lamennais disse a respeito do alcool: — Sabeis o que bebe esse homem no copo que vacilla na sua mão tremula da embriaguez? Bebe as lagrimas, o sangue, a vida de sua mulher e de seus filhos!

O alcoolismo faz aborrecer o trabalho e conduz muitas vezes á miseria.

A maior parte dos crimes são praticados por alcoolicos.

O alcoolico na edade de quarenta annos parece ter sessenta.

Mais d'um terço dos alienados são alcoolicos.

Vinte por cento dos fallecimentos são devidos ao alcoolismo.

O alcool faz perder a vontade, os bons sentimentos, a dignidade e a razão.

Taes são os pensamentos do dr. Galtier sobre o alcoolismo.

Este laconico resumo é mais eloquente que todos os discursos.

O descanço dominical

E' notavel o movimento em prol do descanço dominical, preceito infringido em Italia como em nenhuma outra parte. Em Bolonha, acaba de celebrar-se um comicio, ao qual assistiram representantes dos partidos catholico, moderado, radical, republicano e socialista, que votaram uma ordem do dia encarregando a commissão executiva de transmittir ao governo e ao parlamento que a opinião publica exige uma lei sobre o descanço dos dias festivos.

No dia 6 do corrente devia reunir-se em Bruxellas um congresso internacional para tratar de tão importante assumpto, ao qual adheriram homens eminentes de todos os partidos e de todos os paizes da Europa e America.

Em Portugal tambem a classe commercial tem trabalhado para obter dos negociantes o encerramento dos estabelecimentos ao domingo, ideia que tem sido abraçada por todas as pessoas a quem aquella classe se tem dirigido.

Uma graça especial

Sob esta epigraphe lemos n'um jornal de S. Sebastião, Hespanha:

«Assim se pode chamar o caso de cura repentina d'uma religiosa serva de Maria, d'esta cidade, occorrido na vespera do dia do *Corpus Christi*.

«Segundo informações fidedignas, ha mais de quinze mezes que Soror Maria das Dores padecia d'uma cruel affecção na garganta que a fazia padecer dores atrozes e a tinha quasi completamente aphonica.

Esta doença, contrahida por contacto d'um atacado de diphteria, a que Soror Maria das Dores tinha assistido, apesar do rigoroso tratamento a que estava submettida a paciente e do cuidado e assiduo empenho do medico para a debellar, augmentava de dia para dia. Soror Maria das Dores, muito devota do Santissimo Sacramento, recommendou-se muito especialmente a Sua Divina Magestade, na vespera da solemnidade do seu Sacratissimo Corpo, dia em que se achava peor da sua molestia, sentindo na garganta, além da aguda dôr que a torturava, um tumor que a incommodava horrivelmente.

No dia 17 de junho, festa do Santissimo *Corpus Christi*, á hora em que as religiosas principiavam no côro a entoar o officio de Nossa Senhora, recobrou instantaneamente o uso da falla e achou-se completamente curada, havendo desapparecido as dores e o tumor da garganta.

Um discipulo intelligente

Durante a estada do maestro Mascagni em Londres deu-se um caso engraçado.

Achava-se elle um dia á janella do hotel, quando um tocador de realejo se pôz a tocar o *intermezzo* da *Cavalleria Rusticana*. O movimento, muito apressado, exasperava os nervos de Mascagni que desceu á rua e disse ao homem:

—O snr. toca muito depressa, deixe-me dar á manivela para lhe ensinar como deve tocar esta musica.

—Mas quem é o senhor? pergunta o instrumentista um pouco despeitado.

—Sou o compositor da peça. E tocou o *intermezzo* com o devido compasso.

Imagine-se a surpresa do maestro quando no dia seguinte viu o mesmo tocador de realejo em frente do hotel com um cartaz no qual se lia em grandes caracteres: —*Discipulo de Mascagni.*

Quereis conservar a pureza?

Frequentae os Sacramentos, sobretudo o da confissão, que é o meio poderosissimo para a conservar.

O Papa Gregorio XVI e o imperador Nicolau I

A proposito das perseguições soffridas na Polonia pela Madre Macrine, Abbadessa de Minsk, e pelas suas companheiras, conta-se a solemne entrevista que teve logar em 1845 entre o Papa Gregorio XVI e o imperador da Russia, o celebre Nicolau I.

«A 13 de dezembro de 1845, o imperador de todas as Russias, que guardava o incognito e viajava sob o nome de general Romanoff, chegava á capital do mundo christão e mandava pedir uma audiencia ao Soberano Pontifice.

«No mesmo dia, o poderoso autocrata subia os degraus do Vaticano e achava-se em presença do Vigario de Jesus Christo.

O imperador era acompanhado pelo snr. Boutenief, seu ministro em Roma, e o Papa pelo Cardeal Acton. Os seus preliminares não pareciam annunciar uma visita real, mas antes uma conferencia como effectivamente foi; o Papa reconheceu que tinha solemnes e penosos deveres a cumprir. Podia permittir ao perseguidor do seu rebanho que se approximasse da sua Pessoa e que se retirasse, sem lhe dirigir uma palavra de censura e mesmo uma reprehensão?

«O imperador chegou á sala do Throno e logo lhe appareceu o Papa, acompanhado do Cardeal Acton. A' vista do Santo Padre, Nicolau I deu um passo á rectaguarda, inclinou-se involuntariamente e beijou a mão do Pontifice.

«A conferencia começou. O imperador rompeu a entrevista por cumprimentos. Gregorio XVI interrompeu-o:

«Não percamos tempo, disse elle, fallemos de coisas graves e falle claramente, afim que eu o possa comprehender bem.»

«Então o Papa expôz todas as dôres da Egreja da Polonia e accrescentou que tinha uma testemunha viva da perseguição na pessoa da Madre Macrine Meieczyslawska. O imperador perturbou-se e ficou bastante commovido: protestou que ignorava tudo e que saberia descobrir a verdade. O Papa replicou que não fazia o seu juizo sobre este unico facto, e, pegando n'uns papeis que tinha deante d'elle, enumerou um a um os vinte e seis ukases emanados do proprio imperador; depois do que deu-lhe uma nota, dizendo-lhe: «Receba esta enumeração dos seus actos contra Deus e contra a sua Egreja; que ella lhe faça recordar do que se deve justificar.»

«A entrevista tinha durado uma hora e desoito minutos. O imperador estava n'uma grande perturbação; algumas vezes, pegava na mão do Papa e levava-a aos labios.

«Gregorio XVI terminou a entrevista com estas solemnes palavras:

«O fim da minha vida está proximo; d'aqui a alguns mezes talvez, irei prestar as minhas contas a Deus, e é para cumprir o dever do meu cargo apostolico que lhe fallo assim. V. M. tambem, provavelmente mais tarde do que eu, comparecerá no tribunal do Soberano Juiz, e alli terá de responder sobre as mesmas coisas.»

Quem não admirará a magestade d'esta linguagem, calma e serena como a do proprio Deus?

Um lago que anda

O lago Sob-Nor tem tornado loucos os geographos, porque muda de sitio com grande frequencia.

Existe uma costa China, porque este lago viaja pela Asia Central, que indica a sua posição em 1862.

O viajante russo Prsche Nalsky, na chronica da sua expedição diz que já o encontrou cem metros mais ao sul do sitio indicado na carta China.

Hedin, viajante sueco, encontrou-o cincoenta metros mais á direita onde o russo o achára.

Este lago inquieto alimenta-se sómente do rio Tasim, que desce das montanhas e vae perdendo grande quantidade d'agua no seu curso por causa da evaporação produzida pela força candente do solo n'aquella latitude.

Conversão d'um apostata

Os periodicos hespanhoes falaram-nos, ha tempo, na 1.ª quinzena de junho findo, da morte d'um celebre D. Lazaro Bardon. Era, entre os hespanhoes, um dos mais doutos, senão o melhor grammatico na lingua grega, em que era profundissimo.

O que ignoravamos, e só agora sabemos, é que elle era Padre, mas se secularisára inteiramente, como entre nós fez o infeliz dr. Richoso, ha pouco fallecido, chegando a tirar todo o signal ecclesiastico, o que em Hespanha é um escandalo maiusculo. E assim como professava, assim vivia.

Por fortuna lemos agora no diario madrileno *El Movimiento Catolico* o seguinte:

«Acabamos de receber a consoladora noticia de que D. Lazaro Bardon, a quem muito consideravamos — pondo de parte seus extravios religiosos,—reputando-o um dos melhores grammaticos e professores de linguas sabias que em nossa epocha teem florescido, morreu reconciliado com a Egreja catholica, a quem tão grave como immerecidamente offendeu por seu desatinado procedimento, edificando a todos os circumstantes com seu arrependimento exemplar e fervor piedoso. Graças a Deus por mais este rasgo de sua infinita misericordia. Dizem-nos que brevemente serão publicados alguns pormenores interessantes, relativos aos ultimos momentos da vida de D. Lazaro Bardon.»

O que é digno de ponderação é que em Hespanha são raros os apostatas, clerigos ou seculares, e mesmo extraviados mações que não morram reconciliados com a Egreja; em Portugal... dá-se a regra opposta.

Obra pia dos sellos postaes usados estabelecida no grande seminario de Liége, Belgica

Quem quizer trabalhar e concorrer efficazmente para a salvação das almas, basta juntar com cuidado todos os sellos usados, raros ou communs, de correio, de jornaes, de taxa.... assim como os bilhetes postaes, cintas de jornaes e envoltorios postaes (que levam impresso o sello do correio) e mandar tudo para a Obra Pia dos sellos usados.

O fim d'esta obra é crear fontes de receita com o fim de auxiliar os Missionarios que evangelisam o Estado Independente do Congo (Africa) proporcionando-lhes os meios necessarios para a *construcção e estabelecimento de aldeias christãs,* verdadeiros fócos de religião e de civilisação.

Até hoje a Obra dos Sellos Usados, fundada em 1890 conseguiu:

1.º Fundar a aldeia christã de Saotrudon que se acha no estado mais florescente que se possa desejar; está situada a 3 horas de caminho do Sankuru e do posto de Lusambo na margem direita do Lubi; consta: de uma casa de habitação antiga e moderna com armazem e oratorio; uma capella de 18 metros de comprimento por 8 de largura e 6 de altura; uma officina; olaria com seu forno de tijolos; aulas de catechese e mais de 150 choças *chimbecks.* O numero de habitantes é superior a 390 negros sendo pela maior parte subtrahidos á escravidão e que são evangelisados pelos Reverendos Padres Garmijn e Ians.

2.º Ha algumas semanas que tivemos a grande consolação de entregar a Monsenhor Rœlens, Vigario Apostolico do Congo (região dos Grandes Lagos) a quantia necessaria para fundar uma segunda aldeia. Esta christandade que será situada entre os lagos Tanganika e Kivo, se chamará Sao-lamberto e em setembro proximo 3 Padres Brancos Belgas principiarão os trabalhos de sua fundação, segundo nol-o assevera o mesmo Monsenhor Rœlens.

Almas piedosas e cheias de interesse pela gloria de Deus e pela salvação dos pobres infieis! Eia pois, empenhae-vos em fazer conhecer a todos a Obra dos Sellos Usados; distribui este impresso por todos os vossos amigos, parentes e conhecidos: formae entre vós pequenos grupos para juntar sellos usados em grande quantidade; determinae-vos juntar tantos milhares de sellos postaes que se perdem todos os dias nos escriptorios; influi para esta Obra os collegios, os alumnos de todos os estabelecimentos de instrucção. Quanto podeis fazer! Quantas almas podeis arrancar ao inferno!

Será inutil dizer que os bemfeitores da nossa Obra teem parte em numerosas graças espirituaes.

As remessas de sellos e mais firmas de franquia postal servidas podem ser dirigidas aos agentes da Obra:

Para Portugal: ao Ex.mo Snr. Dom José Maria de Figueiredo Cabral da Camara (Belmonte); Quinta d'Otta (Otta).

Para as ilhas dos Açores: ao Ex.mo Snr. D. Aniceto d'Ornellas Ormonde, Praia da Victoria, na ilha Terceira.

Para o Brazil: ao Ill.mo Snr. D. Luiz Dreux, São Paulo,—ou directamente ao —*R. D. Henrique Valentin* — Grande Seminario — Liége (Belgica).

Erratas

Tendo duas quadras da *Branca* do n.º 13, pag. 152, sahido deturpadas, assim como a do n.º 12, *Não morre,* devem ser assim corrigidas:

No n.º 12, pag. 142, 4.ª quintilha, aonde se lê—parvos—deve lér-se—pravos—, e no n.º 13, pag. 152, 3.ª col., 4.ª quadra, aonde se lê—Que tu não pódes negar-lhe—deve lér-se—Que tu não pódes lhe negar—assim como na 9.ª, 1.º verso, aonde se lê—Deixo a vida—se deve lér—Deixei a vida—.

O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 1$000 reis—Estados da India, China, e America, 1$280 réis, moeda portugueza—Numero avulso 100 réis

As assignaturas são pagas adeantadamente

O que se refira á redacção deve ser enviado a

Manuel Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74—PORTO.

O que se refira á administração (pagamento d'assignaturas, pedidos de livros, mudança de direcção, etc.) a

Vicente Fructuoso da Fonseca, na rua da Picaria 74—PORTO.

Typ. Catholica de José Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74—Porto